

## **Inovação colaborativa nas instituições do Terceiro Setor: tendências de pesquisas relacionadas a coprodução e cocriação**

### **Resumo**

Com o presente trabalho pretende-se analisar a evolução e a tendência dos estudos relacionados ao tema inovação colaborativa nas instituições do terceiro setor, no que se refere ao mapeamento de pesquisas relacionadas a coprodução e cocriação. Realizou-se uma bibliometria por meio da base de dados Lens.org, buscando-se dados do período de 2011 a 2021. Verificou-se que há diversidade nas publicações, pois as áreas de aplicação dos conceitos são plurais, indo de projetos sociais a programas universitários. Acerca da dinâmica da pesquisa no campo da cocriação e coprodução em termos quantitativos, foi observada tendência de crescente, contudo ainda podem ser consideradas poucas pesquisas aplicadas especificamente, para os conceitos objeto desta análise, em instituições do terceiro setor. Os principais temas que indicam tendências para estudos futuros voltados à temática estão relacionados às contribuições dos conceitos na mediação de processos de cocriação e coparticipação, bem como no envolvimento das pessoas para solucionar problemas e na promoção do bem estar social, trabalhando na transformação das pessoas e na redução da pobreza.

**Palavras-chave:** Inovação social; Cocriação; Colaboração.

## **Collaborative innovation in Third Sector institutions: research trends related to co-production and co-creation**

### **Abstract**

The present work intends to analyze the evolution and trend of studies related to the collaborative innovation theme in third sector institutions with regard to research trends related to co-production and co-creation. A bibliometry was carried out through the Lens.org database, seeking data from the period 2011 to 2021. It was found that there is diversity in publications, as the areas of application of the concepts are plural, ranging from social projects to university programs. Regarding the research dynamics in the field of co-creation and co-production in quantitative terms, a growing trend was observed, however few researches applied specifically to the concepts object of this analysis in third sector institutions can still be considered. The main themes that indicate trends for future studies focused on the theme are related to the contributions of concepts in the mediation of

co-creation and co-participation processes, as well as in the involvement of people to solve problems and in the promotion of social well-being, working to transform people and in poverty reduction.

**Keywords:** Social innovation; Co-creation; Collaboration.

## 1 INTRODUÇÃO

A inovação no contexto contemporâneo é considerada uma das maiores ferramentas para o desenvolvimento econômico e gerar valor agregado as organizações. Alguns pensadores, como Drucker (1985), Schumpeter (1985) Tidd e Bessant (2008), Vasconcellos e Marx (2011), consideram a inovação como mecanismo gerencial, que aplicada de forma sistematizada e disciplinada, constitui ferramenta poderosa de gestão, capaz de aproveitar as oportunidades oriundas das mudanças ambientais. Nestes momentos, a inovação constitui fator preponderante para gerar vantagem competitiva. Portanto, a capacidade de mudança das organizações, com desenvolvimento de inovações ou aprimoramento das já existentes, é um fator de forte influência na sua competitividade, segundo (LAVRADO et. al., 2020; BERCOVITZ; FELDMAN, 2007).

Para que isso ocorra, a inovação não deve ser tratada como evento isolado, mas como processo a ser gerenciado. Apenas boas ideias ou eventos aleatórios não são garantia de sucesso na implantação da inovação, de acordo com Pavitt (2005), os processos de inovação são diferentes entre si e podem variar em função do tamanho do setor, além de outros aspectos, ocorrendo de diferentes maneiras e intensidades. Dificilmente uma solução encontrada em uma determinada organização, poderá ser aplicada integralmente em outras, sem as devidas adaptações.

A capacidade de inovação para Tidd e Bessant (2008) é um construto multidimensional, envolve dimensões organizacionais e individuais, como: visão estratégica; aproveitamento das competências; gestão da criatividade e das ideias; estrutura e sistemas organizacionais, cultura e clima; inteligência organizacional e gestão da tecnologia (LAWSON; SAMSON, 2001). De acordo com um relatório da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico – OECD (2005), impulsionar a inovação em serviços é fundamental para melhorar o desempenho do setor, que tradicionalmente é visto

como menos inovador do que a manufatura, desempenhando apenas papel de apoio no sistema de inovação.

De posse dessas ideias buscar entender quão colaborativo e participativo são as organizações do Terceiro Setor se traduz em condição *sine qua non* para a realização do mapeamento conceitual com vistas a identificar, a partir da análise dos artigos, o desenvolvimento do tema e as oportunidades de pesquisa. Já que os artigos analisados e estudados irão mostrar as lacunas existentes entre cocriação e coprodução nas organizações do terceiro setor, e o objetivo desse artigo ao apresentar esses exemplos é procurar uma melhor compreensão dos dois por meio dos relatos de aplicação dos mesmos.

Para tanto, no dia nove de outubro, foi feita uma pesquisa bibliométrica na página *Lens.org*, com o objetivo de mapearmos artigos que contemplam o conceito de coprodução e cocriação dentro das instituições do Terceiro Setor.

Na pesquisa bibliométrica realizada com as palavras chaves: "inovação social", "cocriação" e "colaboração" na língua portuguesa, foram encontrados 12 artigos, aplicados os filtros: datados dos últimos 10 anos, com acesso aberto e tipo de publicação: artigo. Em uma segunda busca, na mesma plataforma, utilizando os mesmos filtros, mas com as palavras-chave entre aspas e em língua inglesa, foram delimitados nove artigos.

Por meio da pesquisa bibliométrica buscou-se mapear as publicações que respondessem a seguinte questão de pesquisa: “Quais os relacionamentos conceituais entre *coprodução e cocriação contemplando o estado da arte dentro das Instituições do Terceiro Setor?*”

O segundo passo do trabalho foi identificar todos os artigos, pelos seus títulos, autores, ano de publicação, método de pesquisa e classificação Qualis (Capes).

Além da questão a ser pesquisada, o estudo envolve outras cinco questões específicas:

- i) Qual é a dinâmica da pesquisa no campo da cocriação / coprodução em termos de uma crescente ou tendência decrescente no número de artigos focados neste tema?
- ii) Em quais regiões / tradições administrativas a cocriação / coprodução ocorre com maior frequência?
- iii) Quais são as características metodológicas da pesquisa no campo da cocriação / coprodução?
- iv) Quais são as características do conteúdo da pesquisa no campo da cocriação / coprodução em termos dos campos das instituições do Terceiro Setor em que se estuda o conceito de cocriação / coprodução?
- v) Quais as tendências nas área de cocriação / coprodução no domínio das instituições do Terceiro Setor?

O presente artigo está organizado em cinco seções, incluindo esta introdução. A seguir apresenta-se o referencial teórico, contextualizando-se com os estudos anteriores sobre a

temática da Inovação em Serviços, Terceiro Setor, cocriação, coprodução e o estado da arte de inovação em serviços. Na sequência, tem-se a abordagem metodológica, e após, os resultados da pesquisa. Na última seção, expõem-se as considerações finais ou conclusão.

## **2 REFERENCIAL TEÓRICO**

### **2.1 INOVAÇÃO EM SERVIÇO**

Além do carácter multidimensional, a inovação tem natureza plural, dinâmica e não linear. Dificilmente, um único conceito esgotaria os desdobramentos possíveis ao ser implantada. Léo e Tello, (2017) a definem como a introdução de novas ideias que promovam a resolução de problemas. A inovação em serviços é igualmente complexa, como afirmam Vasconcellos e Marx (2011, p. 443):

*É a introdução de uma característica ou um conjunto de características (tecnológicas ou não tecnológicas) que propiciem a prestação de um serviço para o usuário final de uma nova maneira, ou de uma maneira melhorada. O usuário final deve reconhecer que o conjunto dessas características seja traduzido como benefício e tenha impacto em sua avaliação da prestação do serviço.*

Esse conceito sustenta a afirmação de que a inovação se dá de forma radical criando algo novo ou melhorando algo já existente, ideia alinhada com as de Schumpeter (1982), para ele o desenvolvimento econômico é conduzido pela inovação, onde as novas tecnologias substituem as antigas em um processo denominado destruição criadora.

A Revolução Industrial, iniciada na Inglaterra em meados do século XVIII, foi a mola propulsora de toda a transformação política e econômica da nossa sociedade, de acordo com (TIGRE, 2006).

Quando Adam Smith (1776) escreveu a Riqueza das Nações, as mudanças na forma de produção já estavam acontecendo. Em um primeiro momento, as inovações e mudanças tecnológicas apresentaram uma grande ameaça para empresários e trabalhadores, já que impactavam diretamente na relação produção *versus* trabalho. As primeiras inovações eram de natureza prática e a ciência ainda não conseguia provocar um aumento significativo na produção de bens e serviços.

No século XIX, surgem os primeiros laboratórios de pesquisas empresariais, cujo pioneiro foi Thomas Edson, passando a ciência a influenciar diretamente no desenvolvimento

das indústrias, substituindo a força humana pela máquina, levando à automação de processos e conseqüente aumento na produção industrial. A Revolução Industrial passou a ser o novo processo de acúmulo de capital, onde o empresário se apropria de toda a cadeia de produção, da tecnologia e de todo o capital físico necessário para o seu desenvolvimento.

Entramos no século XX e a produção de bens e serviços se orienta por uma nova onda, a onda do conhecimento. “O conhecimento é a base da economia” (MANUAL DE OSLO, 2018, p.2). E é por meio do conhecimento e da tecnologia que as organizações adquirem maior ou menor grau de especialização, sendo a troca de informações entre as empresas um dos pilares para o desenvolvimento dos processos de produção, serviço e inovação. No Manual, a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) define inovação como:

[...] Um produto (Bens ou Serviço) tecnologicamente novo é um produto cujas características tecnológicas ou usos pretendidos diferem daqueles dos produtos produzidos anteriormente. Tais inovações podem envolver tecnologias radicalmente novas, podem basear-se na combinação de tecnologias existentes em novos usos, ou podem ser derivadas do uso de novo conhecimento (OCDE, 2005, p. 55).

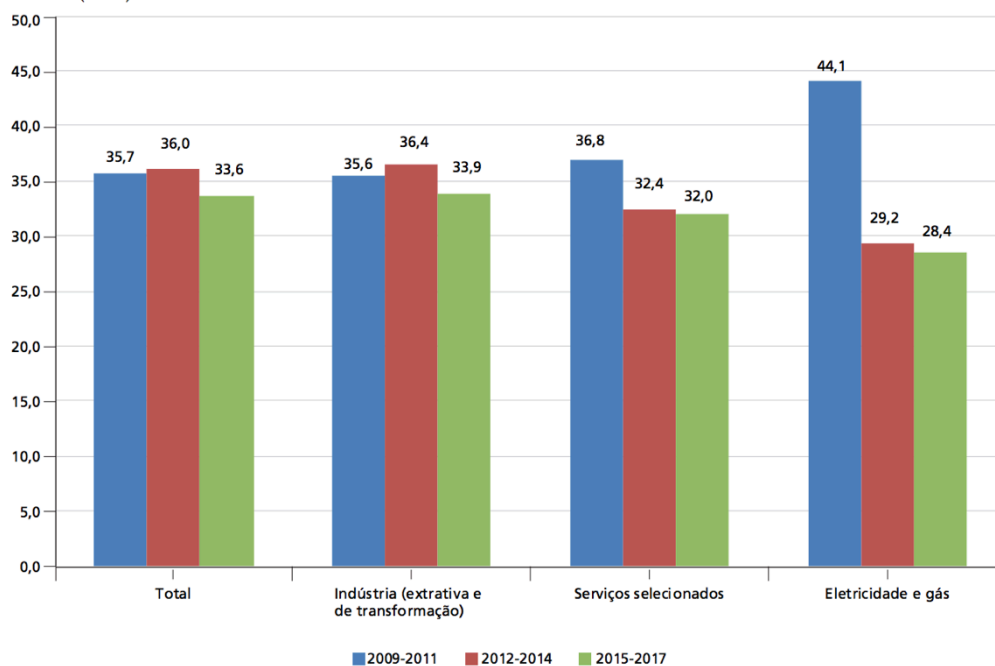
A inovação não deve ser tratada como evento isolado, mas como processo que precisa ser gerenciado. Apenas uma boa ideia e sorte não são garantia de sucesso na implantação da inovação, podendo, sim, representar perdas para a organização. De acordo com Pavitt (2005), os processos de inovação são diferentes entre si em função e podem variar em função do tamanho do setor, além de outros aspectos, e se dão de diferentes maneiras e intensidades.

Em 1934, Schumpeter descreveu a inovação como a introdução comercial de um novo produto ou “uma nova combinação de algo já existente” criados a partir de uma invenção que por sua vez pertence ao campo da ciência e tecnologia (SCHUMPETER, 1985). Segundo ele, existem cinco modelos de inovação: a) o desenvolvimento de novos produtos; b) a adoção de novos métodos de produção; c) a abertura de novos mercados; d) o desenvolvimento de novas fontes provedoras de insumos e matéria-prima e, e) o surgimento de novas estruturas de mercado e indústria.

No setor de serviços, muito diversificado, a inovação é o fator que mais impulsiona o crescimento econômico e, sob esse aspecto, leis e regulamentações – igualmente variáveis e adequadas a cada contexto - são importantes para garantir a termos sua efetivação. Outra condição a ser considerada é a redução de barreiras políticas e administrativas como indutor

para as PMES. Na (Figura 1) observa-se o comportamento da taxa de inovação calculada como a razão entre o número de empresas que implementaram inovações em produto e/ ou processo em relação ao total de empresas, ocorrido no Brasil, nos anos de 2009 a 2017.

**Figura 1 – Taxa de inovação na economia brasileira entre 2009 e 2017**



Fonte: Pesquisa de Inovação/IBGE (vários anos).

Com a globalização, a prestação de serviços tornou-se fundamental para o crescimento econômico, pois, além de auxiliar as atividades de produção de bens, o setor de serviços, na sociedade pós-industrial, emprega grande parte da população (FITZSIMMONS, 2003). Os serviços são parte essencial da atividade econômica, gerando valor para seus contratantes, no momento em que acontece sua realização e no espaço específico onde esta ocorre (LOVELOCK; WRIGHT, 2006).

Já para Kotler e Keller (2006, p. 397), “serviço é qualquer ato ou desempenho, essencialmente intangível, que uma parte pode oferecer a outra e que não resulta na propriedade de nada. A execução de um serviço pode estar ou não ligada a um produto concreto”. Zeithaml e Bitner (2003, p. 28), por sua vez, definem serviços como “ações, processos e atuações”.

Os conceitos e ideias apresentados irão facilitar o entendimento dos artigos e dos casos mapeados na pesquisa; facilitando a compreensão dos conteúdos.

## 2.2 INSTITUIÇÕES DO TERCEIRO SETOR

As Instituições do Terceiro Setor são formadas por uma ampla e heterogênea gama de organizações sem fins lucrativos que atendem às necessidades da população em diversos segmentos. O Terceiro Setor é constituído pelas Organizações da Sociedade Civil, bem como as Organizações Não Governamentais (ONGs), entidades filantrópicas, Organização da Sociedade Civil de Interesse Público (OSCIP's), organizações sem fins lucrativos e outras formas de associações civis, (MONTANA; MELO; SOUZA, 2018).

Em consonância compreende-se por Terceiro Setor a terminologia destinada a definir organizações de iniciativa privada, sem fins lucrativos e que prestam serviços de caráter público, todavia, para que isso ocorra efetivamente, o ente estatal compromete-se a fornecer benefícios financeiros como forma de incentivar a atuação do particular (CARVALHO, 2016). Sendo assim, este será o conceito para identificar as organizações que serão mapeadas nos artigos.

As ONGs desempenham um importante papel social e político no mundo desde os anos 1960, de acordo com Santos (2003). Todavia, foi nos anos 1980, que elas ganharam visibilidade, nesse período para cada interesse coletivo surgia uma instituição sem fins lucrativos. Para a autora, as organizações sem fins lucrativos atuam na sociedade voltadas para a produção ou a distribuição de bens e serviços públicos. Para Smith (1991), elas surgem do desejo de melhorar a qualidade de vida das pessoas, sendo baseadas em princípios que não visam lucros e possuem uma estrutura e propósito não governamentais.

Oliveira e Manolescu (2010, p. 02) afirmam que as organizações sem fins lucrativos existentes para fazer algo que contribua para o bem estar da coletividade, existem por causa de sua missão. Para, Montana, Melo e Sousa, (2018, p.7) determinados contextos, estes compostos dentre outros por pessoas em estado de vulnerabilidade social ou vítimas de abusos e violência, são exemplos dos espaços que o Estado deixa vazios e são essas populações que o Terceiro Setor apoia, com intervenção e serviços.

De acordo com Oliveira e Manolescu (2010 p.02.), às inovações sociais mais significativas foram obtidas graças à criação e militância do Terceiro Setor. Sendo assim,

podemos concluir que as instituições são pontes entre o governo e a sociedade em estado de vulnerabilidade social ou marginalizada.

Atualmente, estas instituições são representadas por 820 mil organizações com CNPJ ativos, segundo o Mapa das Organizações da Sociedade Civil, elaborado na gestão do IPEA (2018) para formulação de políticas públicas de monitoramento e da avaliação de todas essas entidades implantadas nos mais de 5 mil 570 municípios brasileiros. Desse total, 86% são associações privadas, 12% são organizações religiosas e 2% são fundações.

Em pesquisa elaborada pela Fundações Privadas e Associações sem Fins Lucrativos no Brasil (FASFIL) do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o termo define entidades privadas não vinculadas ao Estado, sem fins lucrativos, legalmente constituídas (existência de CNPJ), auto administradas, constituídas por indivíduos e que exercem atividades de livre escolha, cuja natureza jurídica está classificada pelo Código Civil, Lei de nº 10.406/2002 e Lei Federal de nº 9.637/1998, como segue:

- a) fundação privada;
- b) organização religiosa;
- c) organização social;
- d) associação privada.

As Instituições do Terceiro Setor suprem lacunas deixadas por políticas públicas nacionais e atuam em oito grandes áreas, de acordo com o perfil da OSC Brasil, divulgado pelo IPEA, como indicado a seguir:

- a) saúde;
- b) educação e pesquisa;
- c) cultura e recreação;
- d) assistência social;
- e) religião;
- f) associações patronais e profissionais;
- g) defesa de direitos;
- h) interesses e outras atividades associativas.

Para Lopes (2018), as Instituições do Terceiro Setor são, em grande parte, 90% formadas por micro-organizações com, no máximo, dois empregos formais. Em geral, as organizações são o reflexo das desigualdades sociais brasileiras, em que negros e mulheres ganham menos que homens brancos e em que se dá ainda a segregação de gênero e raça, sob a forma da segregação hierárquica. Nesse aspecto, em especial, vale realçar que esses dados denotam certa estranheza em quem os interpreta, levando-se em conta que empresas sem fins lucrativos fossem menos segregadoras e lançassem mão de abordagem menos preconceituosa socialmente.

Em contraponto, as organizações sociais foram agentes preponderantes na redemocratização do Brasil, na produção de pesquisa e conhecimento, no fortalecimento dos direitos humanos e no combate às desigualdades sociais.

### 2.3 COPRODUÇÃO E COCRIAÇÃO

Os temas cocriação e coprodução são objetos de discussão na literatura (RAMIREZ, 1999; ETGAR, 2008, GRÖNROOS, 2011; CHATHOTH et al., 2013). Os dois termos são usados para se referir à capacidade de interação entre fornecedor e cliente, observam os autores Morais e Santos (2015). O termo coprodução é usado principalmente para se referir ao envolvimento do cliente no processo produtivo de um bem ou serviço (ETGAR, 2008).

A cocriação e a coprodução de serviço se desenvolvem como um novo paradigma na literatura de gestão de negócios, na qual se evidencia a construção do valor relacional, em contraposição às teorias econômicas de valor derivado exclusivamente da transação (GALVAGNO; DALLI, (2014); POHLMANN; KAARTEMO, 2017).

Os dois tipos de inovações colaborativas podem ser identificados: inovação colaborativa com partes interessadas internas e colaboração com partes interessadas externas (VAN DIJCK et al. 2017) - este último também conhecido como coprodução e / ou cocriação (AGGER e LUND 2017; VAN DIJCK et al. 2017; TORFING 2019). A coprodução e a cocriação são formas concretas de inovação colaborativa que visam instigar "novas maneiras de criar e fornecer serviços" (AGGER; LUND 2017, p. 17).

A redução de custos é considerada uma das principais vantagens da coprodução (Gebauer et al. 2014; Howlett et al. 2017). Assim, empresas são capazes de chamar a atenção de seus clientes, fornecedores e outros parceiros para novas ideias de produtos (ENKEL e LENZ, 2009).

Segundo (Hartley et al. 2013; Agger e Lund 2017; Torfing 2019), a inovação colaborativa é ‘the new black’, ou seja, tornou-se popular. Também se refere a "um processo de resolução criativa de problemas através do qual atores relevantes e afetados trabalham além das fronteiras institucionais formais para desenvolver e implementar soluções inovadoras para problemas urgentes" (Sorensen e Torfing 2018, p. 394).

### **3 MÉTODO DE PESQUISA**

Para atingir este objetivo, foi desenvolvida uma pesquisa bibliográfica em periódicos brasileiros e internacionais, publicados entre jan/2010 a out/2021, atendendo a determinados critérios, como índices de impacto dos periódicos, frequência de publicações, palavras-chave e abordagens metodológicas mais frequentes.

Para esta pesquisa em periódicos brasileiros e internacionais foi utilizada a base de dados Lens.org, sendo consideradas como critério de busca as palavras-chave “inovação social”, “colaboração” e “cocriação”, utilizando o operador booleano “e”, sendo utilizados, também, os termos em inglês "*social innovation*", "*collaboration*" e "*co-creation*" utilizando o operador “e”, contudo, adicionando como critérios de busca os termos "*cocreation*", "*co-production*" e "*co-design*", utilizando o operador “ou”.

Os artigos selecionados estão relacionados ao conceito de coprodução e cocriação no estado da arte dentro das instituições do Terceiro Setor. Na pesquisa bibliométrica realizada com as palavras chaves e filtros supracitados foram encontrados 14 artigos brasileiros e 11 artigos internacionais.

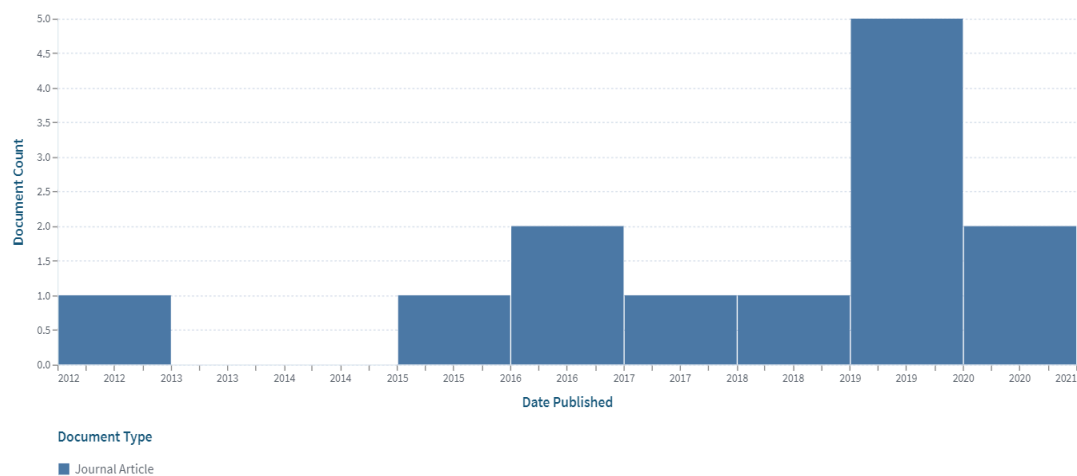
Em seguida, com base na leitura dos resumos desses artigos, foram selecionados 21 artigos, 12 publicados em periódicos nacionais e nove em periódicos internacionais, os quais foram analisados quanto a classificação Qualis (Capes) – acima de B5 e nos periódicos internacionais com fator de impacto JCR igual ou superior a 0.7 ou a pontuação de impacto igual ou superior a 0.55. A pontuação de impacto mostrada aqui é equivalente ao número

médio de vezes que documentos publicados em uma revista / conferência nos últimos dois anos foram citados no ano atual. Cabe ressaltar que apenas um artigo selecionado utilizou a abordagem quantitativa, os demais todos fizeram uso de abordagem qualitativa.

## 4 RESULTADOS

### 4.1 RESULTADOS DA BIBLIOMETRIA

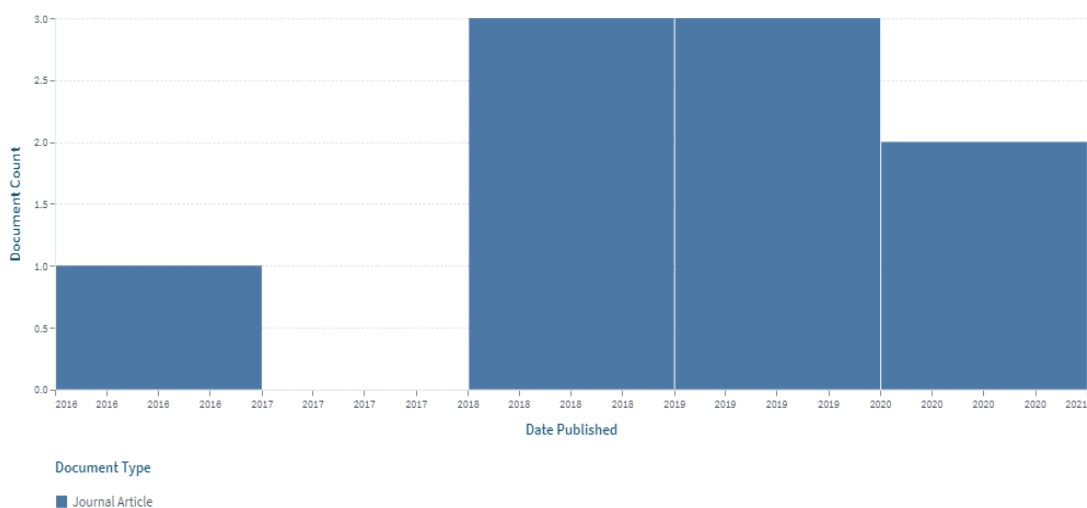
**Figura 3** - Distribuição dos artigos brasileiros selecionados por ano de publicação



Fonte: lens.org, (2021).

Na Figura 3, observa-se que em 2010, 2011, 2013 e 2014 não foram encontrados, dentro dos critérios e base utilizada, artigos sobre a temática pesquisada. Acerca do número de artigos publicados por ano, destaca-se o ano de 2019, com cinco publicações.

**Figura 4** - Distribuição dos artigos internacionais selecionados por ano de publicação



Fonte: lens.org, (2020).

Na figura 4, observa-se que em 2010, 2011, 2012, 2013, 2014, 2015 e 2017 não foram encontrados, dentro dos critérios e base utilizada, artigos sobre a temática pesquisada. Acerca do número de artigos publicados por ano, destacam-se os anos de 2018 e 2019, com três publicações.

**Tabela 1 - Periódicos Brasileiros Selecionados**

Revista	Q	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	2	T
	u	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	o
	a	1	1	1	1	1	1	1	1	1	1	2	2	t
	l	0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	0	1	a
	i													l
	s													
Sustentabilidade em Debate - Brasília	B2							1						1
Ergodesign & HCI	B3									1				1
Revista de Gestão & Sustentabilidade Ambiental - RG&SA	B3											1		1
Strategic Design Research Journal	B1						1							1
Arcos Design	B5							1						1
Mix Sustentável	A5								1		3			4
Otra Economia	B4											1		1
Revista Gestão e Desenvolvimento	B2											1		1

Revista de Gestão e Secretariado	B2												1			1
<b>Total</b>							1	2	1	1	4	3				12

Fonte: Elaborada pelos autores (2021).

Na Tabela 1 observou-se que em 2010, 2011, 2012, 2013, 2014 e 2021 não foram encontrados estudos publicados dentro dos critérios utilizados. Os 12 artigos identificados estão distribuídos entre nove periódicos, sendo que apenas um publicou mais de um artigo sobre a temática pesquisada. Destaque para a Mix Sustentável com quatro trabalhos publicados. Verificou-se ainda que dos 12 artigos analisados, quatro foram publicados em revistas A5; 1 em B1; 3 em B2; 2 em B3 e 2 em B4. Em relação ao número de artigos publicados por ano, destaca-se os anos de 2019 e 2020 com 8 artigos publicados dos 12 selecionados.

**Tabela 2 - Periódicos Internacionais Selecionados**

Revista	J C R	2 0 1	2 0 1	2 0 2	2 0 3	2 0 4	2 0 5	2 0 6	2 0 7	2 0 8	2 0 9	2 0 0	2 0 1	T o t a l
The Design Journal	0.55									1				1
BMC health services research	2.193											1		1
Public Management Review	5.385						1							1
Ecology and Society	4.403								1					1
Medical humanities	0.947								1					1
CoDesign	1.890										2			2
Health research policy and systems	2.365											1		1
Sustainability Science	6.367										1			1
<b>Total</b>							1		3	3	2			9

Fonte: Elaborada pelos autores (2021)

Na Tabela 2 observou-se que em 2010, 2011, 2012, 2013, 2014, 2015, 2017 e 2021 não foram encontrados estudos publicados dentro dos critérios utilizados. Os nove artigos identificados estão distribuídos entre oito periódicos, onde se destaca o período Codesign com dois artigos publicados em 2019. Em relação ao fator de impacto JCR, as revistas com melhor pontuação foram a Sustainability Science e a Public Management Review, com JCR acima de cinco. Acerca do número de artigos publicados por ano, destaca-se os anos de 2018 e 2019, com três publicações cada ano.

**Tabela 3 – Artigos e Autores Internacionais Selecionados**

<b>Título da Publicação</b>	<b>Autores</b>	<b>Ano</b>
Co-design at a Distance: Context, Participation, and Ownership in Geographically Distributed Design Processes	Cara Broadley, Paul Smith	2018
Co-production in health policy and management: a comprehensive bibliometric review	Floriana Fusco, Marta Marsilio , Chiara Guglielmetti	2020
Co-production and the co-creation of value in public services: A suitable case for treatment?	Stephen P Osborne, Zoe Radnor , Kirsty Strokosch	2016
Stories in social-ecological knowledge cocreation	Diego Galafassi , Tim M Daw , Matilda Thyresson , Sergio Rosendo , Tomas Chaigneau , Salomão Bandeira , Lydiah Munyi , Ida Gabrielsson , Katrina Brown	2018
The Participatory Zeitgeist: an explanatory theoretical model of change in an era of coproduction and codesign in healthcare improvement.	Victoria J Palmer , Wayne Weavell , Rosemary Callander , Donella Piper , Lauralie Richard , Lynne Maher , Hilary Boyd , Helen Herrman , John Furler , Jane Gunn , Roderick Iedema , Glenn Robert	2018
The breakdown of the municipality as caring platform: lessons for co-design and co-learning in the age of platform capitalism	Ann Light , Anna Seravalli	2019
Socio-materiality of trust: co-design with a resource limited community organisation	Rachel Elizabeth Clarke , Jo Briggs , Andrea Armstrong , Alistair MacDonald , John Vines , Emma Flynn , Karen Salt	2019

How does integrated knowledge translation (IKT) compare to other collaborative research approaches to generating and translating knowledge? Learning from experts in the field.	Tram Nguyen , Ian D Graham , Kelly Mrklas , Sarah Bowen , Margaret Cargo , Carole A Estabrooks , Anita Kothari , John N Lavis , Ann C Macaulay , Martha L P MacLeod , David Phipps , Vivian R Ramsden , Mary J Renfrew , Jon Salsberg , Nina Wallerstein	2020
Social Manufacturing in the Fashion sector: New value creation through alternative design strategies?	Anja-Lisa Hirscher , Kirsi Niinimäki , Cosette M Armstrong	2018
Transformative spaces in the making: key lessons from nine cases in the Global South	Laura Pereira , Niki Frantzeskaki , Aniek Hebinck , Lakshmi Charli-Joseph , Scott Drimie , Michelle Dyer , Hallie Eakin , Diego Galafassi , Timothy Karpouzoglou , Fiona Marshall , Michele-Lee Moore , Per Olsson , J Mario Siqueiros-García , Patrick van Zwanenberg , Joost Vervoort	2019

Fonte: Elaborada pelos autores (2021)

Nos artigos internacionais, poucos estudos foram observados acerca do tema cocriação e/ou coprodução voltado para a inovação, mais especificamente em instituições do terceiro setor. Contudo, alguns trabalhos internacionais, selecionados e destacados abaixo, abordam questões importantes para serem analisadas nesta pesquisa.

Na temática ligada ao Codesign à distância, Broadley e Smith (2018), tomando uma combinação etnográfica e abordagem participativa em projeto situado nas Terras Altas da Escócia e Ilhas, discutiram duas fases interativas de escopo, geração de ideias e prototipagem e refinamento. Refletiram sobre o quão criativo os métodos de design aumentaram a compreensão compartilhada de questões contextuais locais; dirigiu-os para identificar pessoas e recursos para enriquecer o processo de design participativo; e fortaleceu a propriedade sobre o projeto. Com base em um exemplo de pesquisa dentro do projeto Leapfrog, os autores exploram como atividades eficazes de codesign podem ser realizadas com comunidades remotas e rurais. Diante deste contexto, previam ainda que as recomendações têm valor para os pesquisadores de design que buscam construir parcerias colaborativas com indivíduos e comunidades em uma área geográfica distância, e contribuindo para debates de alto nível em torno da ética, política e preocupações práticas da agência de negociação e propriedade ao trabalhar com grupos percebidos como marginalizados da sociedade em geral.

Utilizando análise bibliométrica, relacionada a coprodução em política de saúde e gestão, (FUSCO et. al., 2020), avaliaram que devido a uma população cada vez mais idosa, uma maior incidência de doenças crônicas e maior expectativas em relação à prestação de serviços públicos, os serviços de saúde estão sob pressão crescente para cortar custos, enquanto devem manter a qualidade. A importância de promover sistemas de coprodução de saúde entre as partes interessadas ganhou destaque considerável na literatura e nos debates sobre políticas do setor público. Utilizando a Web of Science (WoS) os autores encontraram um conjunto de dados composto por 295 artigos datados entre 1994 a maio de 2019. A análise destacou uma taxa de crescimento anual, ligada ao tópico de coprodução, de cerca de 25%. Concluíram afirmando que o método bibliométrico adotado neste estudo foi muito útil para investigar e fornecer um abrangente quadro de coprodução na área da saúde, principalmente devido às várias técnicas utilizadas (análise de desempenho, colaboração, análise e mapeamento científico). Contudo, para os autores, o campo ainda está longe de estar maduro. Práticas empíricas, especialmente em relação à co-entrega e co-gestão bem como a avaliação de seus reais impactos sobre os provedores e os pacientes estão faltando e deveriam ser mais amplamente investigadas.

Já para Osborne et. al., (2016), a coprodução é atualmente um dos pilares da reforma das políticas públicas em todo o globo. É articulada como uma rota valiosa para a reforma do serviço público e para o planejamento e a prestação de serviços públicos eficazes, uma resposta ao déficit da democracia, uma rota para a cidadania e comunidades ativas, além de um meio para alavancar recursos adicionais para a prestação de serviços públicos. Os autores apresentaram uma conceituação de coprodução teoricamente enraizada tanto na gestão pública quanto na teoria gerencial de serviços. Eles argumentaram que este é um ponto de partida robusto para a evolução de novas pesquisas e conhecimentos sobre coprodução e para o desenvolvimento de formulação e implementação de políticas públicas baseadas em evidências.

As transformações nos sistemas sócio-ecológicos para diminuir a pobreza e a degradação do ecossistema requerem abordagens para síntese de conhecimentos inclusivos e abertos à inovação criativa, assim (GALAFASSI et. al., 2018), basearam-se em entrevistas com participantes abordando por meio da observação de um processo interativo de cocriação de conhecimento no Quênia e em Moçambique. Tal evento reuniu cientistas, representantes da comunidade e do governo, além de profissionais com conhecimento ou experiência em pobreza e recursos naturais costeiros. A cocriação de conhecimento é promovida como uma

estratégia importante na transformação em direção à sustentabilidade (MAUSER 2013). Os autores analisaram ainda o pensamento sistêmico como uma forma particular de compreender as interdependências complexas entre a redução da pobreza e os ecossistemas. Insistiram na necessidade de encontrar abordagens que envolvem e integram formas mais ricas de conhecimento e experiência para desencadear a criatividade e imaginação via caminhos transformadores.

Voltando à temática da saúde, (PALMER et. al., 2018), trabalharam métodos participativos cada vez mais usados na melhoria da saúde, aglutinando em torno do conceito de coprodução e relacionados às práticas de cocriação, codesign e coinovação. O trabalho apresentou a experiência de saúde mental de codesign e conduziu de forma adaptada ao mesmo, baseado em experiência desenvolvida na Austrália. Os autores criticamente avaliaram o movimento sociocultural e político em coprodução e basearam-se em teorias interdisciplinares das humanidades - teoria narrativa, dialógica ética, teoria cooperativa e empoderamento. O modelo avança o pensamento teórico em coprodução além das motivações e identifica processos e entidades subjacentes que podem impactar no processo e no resultado. Para os autores em última análise, os processos de coprodução incorporam e propõem soluções para a complexidade do aqui e agora, mas aquele que está conectado a experiências passadas que devem ser moldadas em novos futuros prospectivos.

Em uma visão mais voltada para lições referentes ao codesign e co-aprendizagem (LIGHT e SERAVALLI, 2019) observaram que os municípios podem ser vistos como as plataformas voltadas ao cuidado e a economia compartilhada dos séculos 19-20. Eram estruturas criadas por sociedades europeias preocupadas em gerenciar recursos e redistribuir as finanças de forma equitativa e eficaz, para o bem público. Diferentes modelos de estado de bem-estar envolvem diferenças na relação entre o setor público e a sociedade civil. Os autores destacam como ocorre e como a coprodução pode ser uma estratégia de geração e manutenção do bem público, ressaltando ainda que o codesign, quando aplicado à coprodução, vai além dos tipos mais simples de participação no design para incluir as partes interessadas na concepção de problemas e processos. Eles concluem que o cuidado com o bem público surge na coprodução de iniciativas em diferentes contextos geográficos, políticos e culturais. Apontaram ainda para as oportunidades e limites do codesign no suporte de estruturas e relacionamentos existentes, promovendo o desenvolvimento em volta do cuidado em iniciativas cívicas, explorando novas relações entre municípios e cidadãos.

O codesign com organização comunitária de recursos limitados foi o objeto de estudo de (CLARKE et. al., 2019), eles destacaram que a confiança é um aspecto essencial, embora muitas vezes implícito, do codesign, particularmente ao trabalhar em comunidades, políticas e definições sensíveis. Segundo os autores, a literatura atual de codesign, no entanto, permanece bastante limitada, concentrando-se nas interações entre as pessoas como agentes primários de confiança. Baseando-se em pesquisas conduzidas com o objetivo de reduzir a pobreza, instituições de caridade com sede no Reino Unido, ilustram como a confiança e a desconfiança podem também ser mediadas por meio de recursos materiais usados no processo de codesign. Resumem ainda que a confiança dentro do codesign tem se concentrado amplamente nas relações interpessoais entre designers, pesquisadores e participantes de processos limitados no tempo e minimizados o papel da troca de materiais. Clarke et. al., (2019) destacam ao fim do trabalho que compreensões contemporâneas de confiança diminuída dentro sociedade associada à austeridade, à crise econômica e aos fracassos institucionais, portanto, requer uma reavaliação da confiança, particularmente dentro de organizações com recursos limitados.

Os financiadores de pesquisas no Canadá e no exterior fizeram investimentos substanciais para apoiar abordagens de pesquisa colaborativa para gerar e traduzir conhecimento, visto que se acredita aumentar o conhecimento aplicado. Neste contexto, (NGUYEN et. al., 2020), trabalharam com a temática da tradução do conhecimento integrado, como sendo uma forma de gerar e traduzir conhecimento, algo como aprendendo com especialistas na área. Para os autores, os valores e princípios fundamentais entre as abordagens incluíam cocriação, reciprocidade, confiança, promoção de relacionamentos, respeito, co-aprendizagem, participação ativa e tomada de decisão compartilhada na geração e aplicação do conhecimento. No geral, destacaram que diferenças importantes foram observadas na orientação e raízes históricas bem como em parceria contribuindo para o desenvolvimento de um entendimento compartilhado de abordagens colaborativas para facilitar a clareza em uso, relatórios, indexação e comunicação.

O último trabalho internacional avaliado, produzido por Pereira et. al., (2019), buscou uma melhor compreensão de como projetar e permitir a criação de espaços transformadores em um contexto de desenvolvimento, onde os autores trabalharam no sentido de compreender como os principais resultados para a mudança transformadora ocorrem. Ao final apresentam os resultados, onde pedem atenção a cinco pontos, são eles: existência de dilemas éticos associados à criação de um espaço transformador em um sistema; avaliação da prontidão do

sistema; necessidade de equilíbrio entre fatores de segurança; criação de um espaço transformador requer uma montagem de diversas estruturas e ferramentas metodológicas; e por fim, os espaços transformativos podem funcionar como um ponto de partida para a institucionalização da mudança transformadora.

**Tabela 4** – Artigos e Autores Nacionais Selecionados

<b>Título da Publicação</b>	<b>Autores</b>	<b>Ano</b>
Explorando teoricamente as relações entre inovação e negócios com impacto social	Adriana Porto, Andressa Schaurich dos Santos, Daminana Machado de Almeida, Cláudia Maffini Gomes e Lúcia Rejane Gama Madruga	2016
Dos Conceitos de Mediação, Aprendizagem e Colaboração às Práticas de Design Participativo Vinculadas ao Projeto Ethos	Marli T. Everling, Luiz Eduardo Souza, Migeul Cañas Martins, Maira Odete Duarte Stahn, Edson Kerner e Morgana Creuz Ganske	2018
Sustentabilidade, Design Participativo e o Processo de Gestão da Capacitação Profissional do Grupo Aviva Somos - Consciência Coletiva	Mara Rubia Theis, Marli Teresinha Everling, Elenir Carmem Morgenstern, Myara Camargo e Rafaela Rodrigues	2020
Oportunidade de contribuição do Design de Serviços para a melhoria da produtividade e inovação	Renata Hinning, Giselle Schmidt Alves Diaz Merino, Leila Amaral Gontijo e Eugenio Andrés Díaz Merino	2015
Cocriação no ensino de design: como desenvolver 'espaços projetuais' para inovação colaborativa?	Lia Krucken, Iara Mol e Najla Mouchrek	2016
Micro resistências e macro potências em espaços urbanos: perspectivas para o design	Bruna Montuori, Maria Cecilia Loschiavo dos Santos e Maria Luiza dias Viana	2019
O potencial do design combinado ao setor do turismo como alternativa para a valorização dos recursos locais	Raquel Pereira Canaan e Alfredo Jefferson de Oliveira	2019
Design & 'Vir-A-Ser': Abordagens participativas em contextos urbanos-sociais	Marli T. Everling, Amanda Godgig, Amanda Souza, Beatriz Azevedo e Camila Munhoz	2019
Voluntariado, associativismo e turismo: um debate a partir das organizações do terreno	Filipa Canavarro Morais e Andreia Antunes Moura	2020
Política pública brasileira de formação de formadores de trabalhadores em economia solidária: fundamentos avanços e desafios	Adriane Vieira Ferrarini	2012

Cocriação e gestão do design em pequenas empresas rurais e pesqueiras: uma abordagem sustentável	Giancarlo Philippi Zacchi, Eugênio Andrés Díaz Merino e Giselle Schmidt Alves Merino	2017
Capacidade de inovação em negócios tradicionais e de impacto social	Priscila Rezende da Costa e Célia Maria Ronzani	2019

Fonte: Elaborada pelos autores (2021)

Nos artigos nacionais quase todas as pesquisas foram realizadas em instituições do Terceiro Setor ou em serviços de inovação social, sendo que, 100% dos artigos usaram o método qualitativo de pesquisa. Em quase todos os artigos os pesquisadores abordam o design de serviço como um framework de inovação, muito empregado em cocriação e coprodução. Sendo que os termos presentes nos artigos, que permeiam os conceitos do mapeamento foram gestão participativa, colaborativa e mediação através do uso do design de serviço. O termo coprodução foi mencionado em pouquíssimos artigos.

Exploraram teoricamente as relações entre a inovação e negócios de impacto social (PORTO et. al., 2016). A pesquisa visa oferecer contribuições para o aprofundamento no tema em questão, conduzindo pesquisadores e acadêmicos a novos direcionamentos. Para os autores a cultura da inovação se torna um imperativo no desenvolvimento das pessoas e consequentemente das organizações. Os pesquisadores reforçam a importância de novas soluções duradouras que em geral surgem da participação e da cooperação de todos os atores. Mas uma vez, vemos a importância da cocriação e coprodução em organizações sem fins lucrativos. Sendo assim, fica evidenciada a importância do tema e do aprimoramento de novas pesquisas.

Everling et. al., (2018) apresentam questões relativas ao Design, sua relação de uso em cenários sociais, públicos e na indústria. O estudo foi realizado conectando processos de aprendizagem, conceitos de ergonomia cognitiva, mediação e colaboração para o desenvolvimento de material de suporte à aprendizagem. Sendo oportunizado o emprego do conceito de Design de Uso no projeto Ethos da Universidade de Joinville.

A premissa básica do projeto está na utilização de processos participativos para envolver usuários, pessoas e cidadãos na solução de problemas focados nas suas necessidades. Essa dinâmica requer uma mediação constante na qual designers pesquisadores facilitem o fluxo da criatividade e ideação entre os participantes através de diversas oficinas de cocriação. O artigo contribui para propor narrativas que conduzem a ação, principalmente para a inovação social.

Do ponto de vista de (THEIS et. al., 2020) o uso do Design Participativo no processo de gestão para a capacitação profissional de grupos sociais, a educação precisa ser planejada para a sociedade visando o bem comum. Segundo os autores, a relação com o nosso objeto de pesquisa está na compreensão de que o Design é que orienta a discussão buscando preencher as lacunas entre “o que é” e “o que é possível”, bem como situar o humano no centro do processo. Enfatizando a contribuição da cocriação coletiva para o design participativo.

O Design de Serviços pode contribuir para melhorar a produtividade e a inovação, podendo gerar soluções efetivas e eficientes para as organizações e usuários (HINNING et. al., 2015). Os autores evidenciaram as necessidades para a partir desse entendimento propor soluções. O artigo visa entender o funcionamento do Design de Serviços em duas organizações, através de um estudo de caso e pesquisa bibliográfica. Os autores destacam que o Design de Serviço é visto como uma ferramenta capaz de contribuir para uma sociedade mais sustentável, considerando também a coprodução de serviços na inovação social. Eles concluem que o tema ainda pouco explorado é relevante para a comunidade acadêmica, entretanto, ainda não existe uma definição consolidada. O artigo evidencia que métodos participativos e cocriativos influenciam na gestão e na capacitação de pessoas.

As autoras (KRUCKEN, MOL e MOUCHREK, 2016) tratam sobre as ferramentas de cocriação que estimulam os processos de colaboração, bem como, seu potencial de uso em inovação social nas salas de aula nos cursos de design. O caráter não linear de cocriação, contribui de maneira fundamental no conceito de colaboração contribuindo para o design, para a inovação e para a criação de novas perspectivas, cenários e agentes envolvidos no processo. Este processo colaborativo de design, serve para potencializar mudanças necessárias, gerar impacto positivo na vida das pessoas e contribuir para o avanço nas pesquisas.

Montuori et. al. (2019), investigou uma aplicação muito específica do design e suas competências em estudos científicos na área do urbanismo e ocupação de espaços públicos. Sugere que as experiências de cocriação em espaços públicos podem levantar questões significativas para a transformação e a melhoria do modo de vida e uso dos espaços das cidades, sobretudo para essas populações. Podem, não apenas apontar aspectos significativos de convivência e de cuidado dos cidadãos com as cidades, mas, gerar dados relevantes para um urbanismo mais condizente com as realidades locais.

De acordo com Montuori et. al. (2019), as cocriações apresentadas aqui trazem à tona a possibilidade de um modo coletivo e articulado de produção ativa nos espaços públicos, reiterando a noção destes, como lugares de construção de relações afetivas e de cidadania.

Para os autores Canaan (2019) e Oliveira (2019), há possibilidades de atuação do design aplicado ao setor de turismo, para o desenvolvimento sustentável do turismo de base comunitária e um modelo construído com a participação dos atores que compõem a comunidade e por meio da valorização das atividades locais.

Para Canaan (2019) e Oliveira (2019) o design de serviços é a aplicação de habilidades e processos já estabelecidos, voltado ao desenvolvimento de serviços. Trata-se de uma maneira criativa e prática de melhorar serviços existentes e inovar em novas propostas. O design está veiculado à inovação, sendo uma alternativa para aperfeiçoamento de produtos já existentes bem como à criação de novos. Por sua visão sistêmica e estratégica serve de ponte na integração entre processos de cocriação e coprodução, de acordo com os autores.

Essa proposta de cocriação nas comunidades locais estimulou o surgimento de vários campos de atuação, gerando riquezas e aumentando a autoestima das pessoas. O design como ferramenta de inovação e colaboração pode atuar em várias áreas somando expertise, conhecimento, capacitando as pessoas e gerando vantagem competitiva.

O projeto Ethos Design e Relações de Uso faz parte do programa de pós-graduação da Universidade da Região de Joinville, onde (EVERLING et. al., 2019), propuseram a discussão sobre a capacitação dos recursos humanos para o design, processos participativos e relação de uso nos contextos urbanos e sociais. Na prática, o designer atua como mediador do fluxo criativo por meio de habilidade e competências.

Este projeto de pesquisa foi desenvolvido com pessoas em situação de rua ocupando espaços urbanos, buscando aprofundar no como as abordagens participativas são fundamentadas e como contribuíram para a promoção do bem-estar. A conclusão é que se faz necessário, reconhecer a complexidade da situação, a dependência de outras áreas e a limitação do Design Participativo.

Ferrarrini (2012) investigou a experiência dos Centro de Formação em Economia Solidária-CFES, em situações de emergência, seus fundamentos e operacionalização, buscando analisar os principais avanços e desafios. Foi implementado, um programa de inovação social aberta no CFES Sul capacitando os trabalhadores envolvidos nos projetos de economia solidária da região para serem formadores/multiplicadores. O trabalho resultou em uma formação solidária e autogestionária, unindo teoria e prática. Os resultados qualitativos e

quantitativos ainda não foram mensurados segundo os autores, mas o caminho trilhado pelo CFES tem oportunizado trabalho digno, relação solidária e sustentabilidade para muitas pessoas.

Morais (2020) e Moura (2020), referem que o turismo voluntariado em Portugal, tem um protagonismo crescente nas organizações do terceiro setor não-governamental e não-lucrativo, e vem desempenhado um papel relevante na resposta a necessidades ou problemas econômicos e sociais, sobretudo de segmentos específicos das populações, orientando a sua atividade para o benefício daquelas, e não para uma finalidade comercial.

As entidades do Terceiro Setor oferecem respostas a questões sociais que não se esgotam, atuam onde o Estado tem dificuldade de agir e atingir (ALMEIDA, 2010). Para a autora, o voluntariado tem-se expandido em todo mundo e alargado sua esfera de atuação resultando em um novo fenômeno social, chamado turismo de voluntariado, volunturismo ou turismo voluntário.

Segundo as autoras, o turista foca seu interesse no bem-estar social do outro, dedicando um tempo da sua viagem ao outro. Foi realizado um evento na Escola Superior de Educação de Coimbra para oportunizar aos alunos e pesquisadores conhecer instituições que trabalham com o voluntariado e associativismo, e apresentarem projetos e realizarem trabalhos nas instituições. Foi realizada uma pesquisa com as instituições participantes do evento. Resultando em um certo consenso sobre a importância do Turismo voluntariado e das principais características do perfil do voluntariado. Concluindo que existe pouco conhecimento do tema.

Foram identificados por meio da gestão de design, formas de se agir com a abordagem da cocriação para promoção da sustentabilidade, preocupando-se com a identificação da produção de seus aspectos e impactos ambientais, melhorando a qualidade de vida das pessoas (ZACCHI, et. al., 2017). Os autores realizaram uma pesquisa de natureza qualitativa aplicada, exploratória, documental e bibliográfica, para responder à questão: como a abordagem da cocriação pode diminuir as distâncias entre a planta organizacional e o cliente e ao mesmo tempo otimizar seu desempenho socioambiental? Um dos resultados da pesquisa foi o entendimento que a gestão de design e a cocriação criam um ambiente participativo, estimulam a criatividade e produzem ideias novas.

Esse trabalho converge em inovação incremental, que por sua vez, melhora a participação no mercado, o aperfeiçoamento dos processos produtivos e contribuem na conquista de novos clientes. Enxergando que os processos de coprodução e cocriação colocam o cliente e o mercado na ponta do processo de produção, agregando valor e aumentando a

participação dos envolvidos. Sendo a gestão de design a responsável por incrementar e potencializar a vantagem competitiva. Para isso o compromisso com a inovação deve ser contínuo. Concluem que novas teorias e metodologias devem ser estimuladas para ampliar o escopo teórico da cocriação mediada pela gestão do design, contribuindo para o desenvolvimento sustentável das pequenas propriedades rurais e pesqueiras. Necessitando, porém, de uma pesquisa mais detalhada, com a abertura de um canal de comunicação entre os clientes e os produtores rurais. Evidenciam os desafios a serem enfrentados.

Já Costa (2019) e Ronzani (2019) utilizam o software Atlas.Ti para analisar a capacidade de inovação em negócios tradicionais e de impacto social. Contribuindo para o entendimento da administração das fontes de informações, do processo de análise e validação dos resultados de uma pesquisa.

As autoras apresentam quatro modelos de inovação que estão mais alinhados com o projeto de pesquisa. Realizaram uma pesquisa qualitativa com estudo de caso em um Negócio Tradicional (NT) e um de Inovação Social (IS). As duas instituições foram premiadas por inovações na área da saúde. Foram realizadas 14 entrevistas semiestruturadas com os atores das duas instituições. Os resultados foram organizados nas seguintes categorias: capacidade de inovação, potencial de inovação, processos e resultados. Na categoria capacidade de inovação, o NT foi mais moderado que a IS, nas outras capacidades, as instituições observadas tiveram características semelhantes, porém, distintas na relevância do processo por se tratar de negócios diferentes. Uma das limitações da pesquisa foi o pequeno número de negócios tradicionais e de impacto social investigados. Mas, podemos observar que a inovação foi alcançada nos dois modelos, precisando ampliar mais as áreas a serem pesquisadas.

## 4.2 ANÁLISES DOS RESULTADOS

Como parte dos resultados encontrados nos resumos dos artigos nacionais e internacionais na ferramenta do IRAMUTEQ, buscando evidenciar os conceitos de maior ocorrência, tais como: identificar tendências, reduzir o material a ser analisado, relatar regularidades, estilos e padrões de associação entre palavras, expressões e conceito. Esse estudo irá permitir uma nova maneira de classificar de forma ativa, suplementar ou eliminar palavras de pouca relevância para o objeto. Vejamos os resultados encontrados para o gráfico de nuvens de palavras abaixo:

**Figura 5** - Nuvem de palavras gerada no software *Iramuteq*



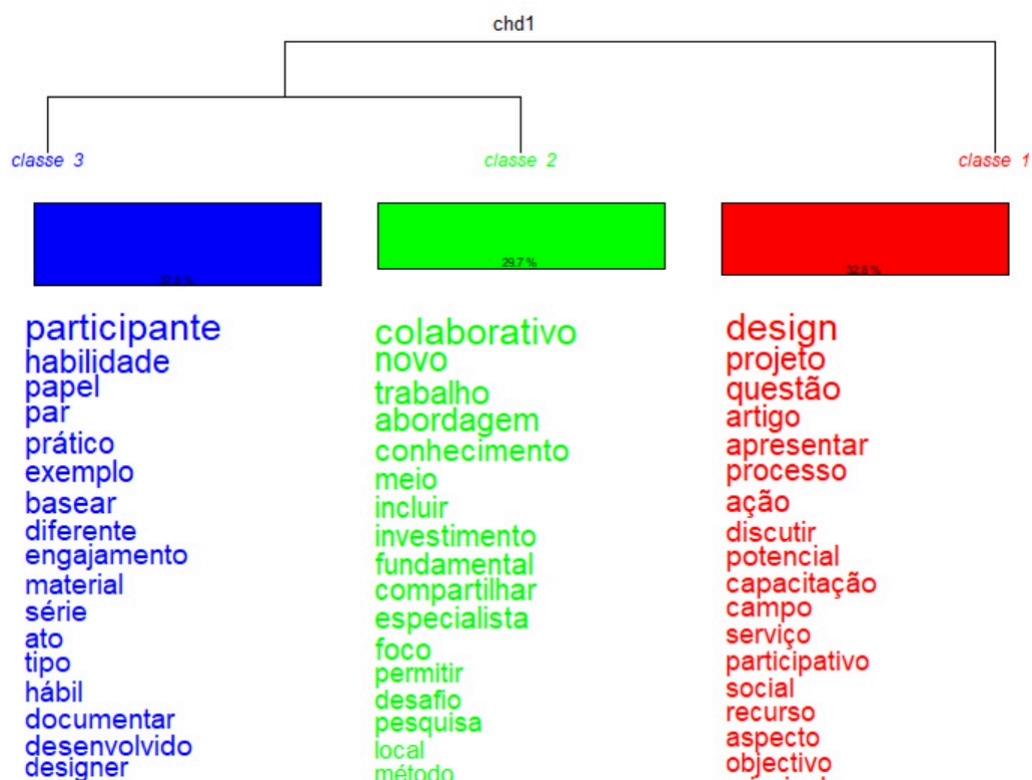
Fonte: Elaborado pelos autores (2021).

No contexto dos artigos nacionais e internacionais, a nuvem de palavras criada a partir dos resumos das publicações, identificou-se maior concentração nos termos design, pesquisa, serviço, social, abordagem, processo, inovação, participativo, desenvolvimento, participante, conhecimento e espaço. Com base nestas informações expostas de forma visual é possível observar a relação direta com o objeto de estudo e relacionar os termos citados em destaque.

A segunda análise realizada foi a classificação do método de REINERT, esse método possibilita a associação e agrupamento de palavras estatisticamente significativas que apresentam semelhança entre si e diferente dos segmentos das outras classes. Em nosso dendograma as relações entre as palavras foram agrupadas e concentradas em 3 classes.

Reinert (1990), ao estudar a literatura francesa considerou cada classe como uma noção de "mundo", enquanto um quadro perceptivo-cognitivo com certa estabilidade temporal associado a um ambiente complexo. Em pesquisas no campo da linguística estas classes foram interpretadas como campos lexicais ou contextos semânticos (CROS, 1993). Vários contextos semânticos podem ser observados nas 3 classes, identificamos que o design é um processo que capacita através da participação na classe 1; na classe 2 o trabalho colaborativo é fundamental para os especialistas e participantes adquirirem novos conhecimentos. Na terceira classe concluiu-se que a habilidade e o papel de cada participante, produz diferentes tipos de engajamento. Como pode ser observado na (Figura 6).

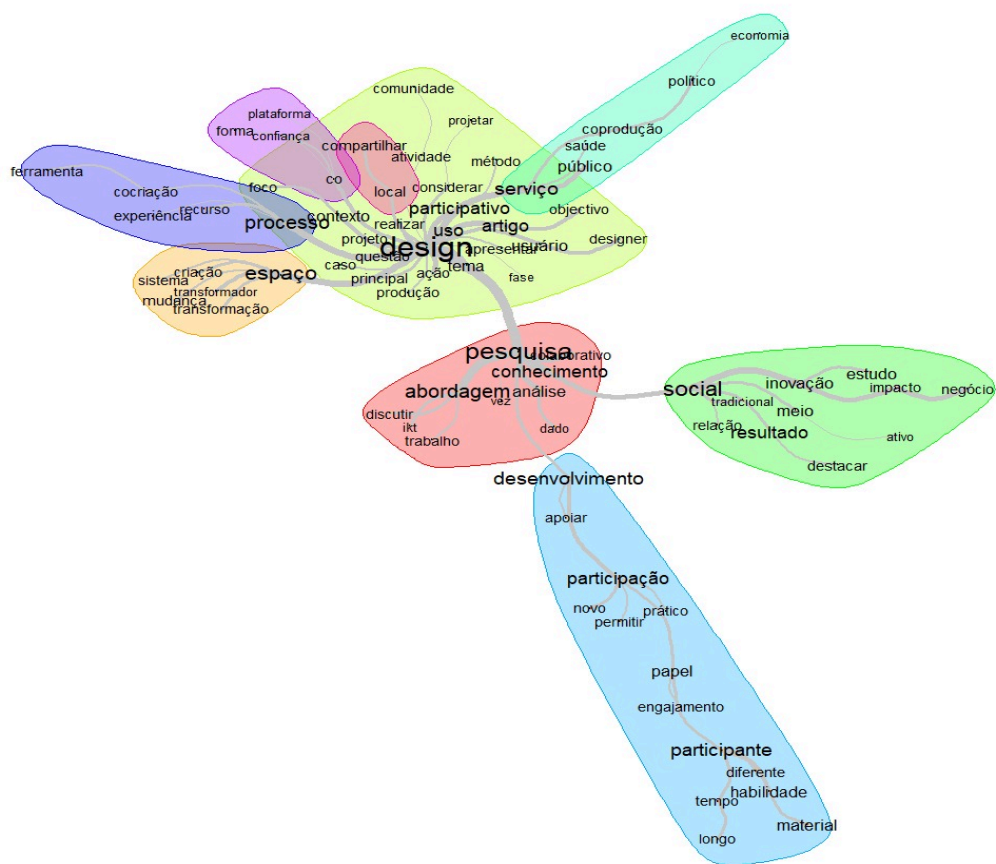
**Figura 6** - Método de Reinert



Fonte: Elaborada pelos autores.

Na análise de similitude buscamos demonstrar as conexões de proximidades entre as palavras, por meio da teoria dos grafos, bastante utilizada por pesquisadores das representações sociais. Este tipo de análise permite identificar as coocorrências entre as palavras e seus resultados, trazem também indicações da conexão entre as palavras, auxiliando na identificação da estrutura do conteúdo de um *corpus* textual (FLAMENT, 1981). Permite também identificar as partes comuns e as especificidades em função das variáveis descritivas identificadas na análise (MARCHAND; RATINAUD, 2012). Conforme pode ser vista na (Figura 7).

Figura 7 - Gráfico de análise de similitude.



Fonte: Elaborada pelos autores.

Ao observarmos as informações presentes na Figura 7, pode-se fazer as seguintes inferências: i. O design é um método de pesquisa que aborda o conhecimento para desenvolver a participação ou permitir que cada participante desenvolva diferentes habilidades; ii. O design é usado como uma ferramenta no processo de cocriação; iii. O design de serviço é de uso participativo para a coprodução de políticas de saúde e econômicas; iv. O design é um sistema de criação que cria espaços de transformação e mudanças.

Ao longo do processo de mapeamento e análise dos artigos foi observado que dificilmente as palavras-conceitos cocriação e coprodução são empregadas simultaneamente, mas conforme conceituado por Morais e Santos (2015), os termos são usados para se referir à capacidade de interação entre fornecedor e cliente, assim há uma similaridade conceitual entre as palavras e que dado o contexto no qual foram aplicadas em contextos participativos e colaborativos. Deduzimos por meio das análises que, dinâmicas participativas e colaborativas tem mais proximidade com o conceito de coprodução e práticas de cocriação são comumente

mais empregadas para resolução de problemas complexos existentes e para mediar fluxo criativo.

Em resposta a questão do problema de pesquisa: “Quais os relacionamentos conceituais entre coprodução e cocriação contemplando o estado da arte dentro das Instituições do Terceiro Setor?”. Na análise de concordância, ainda usando a ferramenta do *IRAMUTEQ*, podemos aferir que: a coprodução é atualmente um dos pilares da reforma de políticas públicas em todo o mundo, sendo uma das melhores narrativas para o cooperativismo e empoderamento das pessoas. Já a cocriação se trata de uma série de concepções de processos do conhecimento que apoiam a tarefa de elaborar intervenções sistêmicas robustas para uma série de cenários futuros. E que o conceito de design de serviço voltado para inovação em organizações de impacto social foi a ideia de maior ocorrência entre todos os artigos mapeados.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

De posse dos resumos e das investigações presentes nos artigos podemos afirmar que o *design* de serviços é uma *framework* bastante utilizado em processos de cocriação, já no contexto da coprodução observou-se maior incidência do uso de frameworks de coparticipação, codesign e colaboração.

Além da diversidade das publicações, as áreas de aplicação dos conceitos são plurais, indo de projetos sociais, urbanos, culturais, turísticos, saúde mental até programas universitários. Acerca da dinâmica da pesquisa no campo da cocriação / coprodução em termos quantitativos, foi observada tendência de crescente e uma ampla gama de pesquisa, contudo ainda podem ser consideradas poucas pesquisas aplicadas especificamente, para os conceitos objeto desta análise, em instituições do terceiro setor. As regiões e tradições administrativas que ocorrem com maior frequência a cocriação / coprodução, nos artigos mapeados, são: em projetos sociais, na área de turismo, na saúde, no urbanismo, nas universidades, em cursos de design e em projetos programas de políticas públicas.

Uma das grandes contribuições dos conceitos foi na mediação de processos de cocriação e coparticipação, bem como no envolvimento das pessoas para solucionar problemas e na promoção do bem estar social, trabalhando na transformação das pessoas e na redução da pobreza.

As principais tendências dos conceitos estudados são redes de colaboração, a geração de impactos positivos, a capacitação de multiplicadores e a ampliação de novas formas de

inovação onde o design se torna o novo mediador de todo o processo. Dessa forma, o presente estudo, apesar das limitações encontradas, como a necessidade de um possível tratamento estatístico dos dados e de uma análise associada a um material bibliográfico adicional, procurou identificar por meio da análise bibliométrica e dos artigos, nacionais e internacionais selecionados, a respeito do mapeamento dos conceitos de tendências de pesquisas relacionadas a coprodução e cocriação aplicadas nas instituições do terceiro setor, procurando contribuir para o melhor entendimento sobre o tema.

Neste sentido, a coprodução e cocriação como forma de inovação de serviços para instituições do terceiro setor, merece ser observada como estratégia para a cocriação de valor com foco na geração de soluções e para a sociedade. Cabe ressaltar que existe uma série de lacunas de conhecimento, relacionadas à inexistência de publicações específicas que analisem a efetividade da aplicação e importância de práticas relacionadas à cocriação e coprodução nas instituições do terceiro setor.

Sendo assim, recomenda-se que mais estudos como este sejam feitos, buscando desenvolvimento científico e proposição de metodologias aplicadas ao setor, considerando a cocriação de valor como assunto horizontal, interdisciplinar e multidisciplinar, ajudando não apenas em sua própria difusão nas vias acadêmicas nacionais e internacionais, mas também no seu impacto e relevância para aplicações.

## **6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

1. AGGER, A; LUND, D.H. Collaborative Innovation in the Public Sector—New Perspectives on the Role of Citizens? **Scandinavian Journal of Public Administration**, n. 21, p. 17–37, 2017.

2. ALMEIDA, V. **Governança, Instituições e Terceiro Setor. As Instituições Particulares de Solidariedade Social**. Dissertação de Doutorado. Coimbra: CES/FEUC, 2010.

3. ANN, LIGHT; A. SERAVALLI; The breakdown of the municipality as caring platform: lessons for co-design and co-learning in the age of platform capitalism, **CoDesign**, n.15:3, p. 192-211, 2019.

4. BROADLEY, C; SMITH, P.V; Co-design at a Distance: Context, Participation, and Ownership in Geographically Distributed Design Processes. **The Design Journal**, n. 21, p. 395 - 415, 2018.
5. CARVALHO, M. **Manual de Direito Administrativo** - 4. ed. rev. ampl. e atual. - Salvador: JusPODIVM, 2017.
6. CANAAN, R.; OLIVEIRA, A. O potencial do design combinado ao setor do turismo como alternativa para a valorização dos recursos locais. **MIX Sustentável**, n. 5, p.31-40, 2019.
7. CHATHOTH, P.; ALTINAY, L.; HARRINGTON, R.J.; OKUMUS, F. CHAN, E.S.W. Co-production versus co-creation: A process based continuum in the hotel service context. **International Journal of Hospitality Management**, n. 32, p. 11- 20, 2013.
8. CLARKE, R. E.; BRIGGS, J.; ARMSTROG, A. ; MACDONALD, A; VINES, J.; FLYNN, E. ; KAREN, S; Socio-materiality of trust: co-design with a resource limited community organisation, **CoDesign**, n.17, p. 258-277, 2021.
9. COSTA, P. R.; RONZANI, C. M. Capacidade de Inovação em Negócios Tradicionais e de Impacto Social . **Revista de Gestão e Secretariado**, n. 2, p. 222-245, 2019.
10. CROS, M. **Les apports de la linguistique: langage des jeunes et sida**. In ANRS (Agence Nationale de Recherche sur le Sida). Les jeunes face au Sida: de la recherche à l'action; Paris, p. 50-61, (1993).
11. SANTOS, Soraia Leandro dos. O papel das ONGs nas relações internacionais do Brasil. 2003. 70 f. Monografia (Graduação) – Faculdade de Ciências Jurídicas e Sociais, Centro Universitário de Brasília, Brasília, 2003.
12. ENKEL, E; LENZ, A. Open innovation metrics system. **Proceedings of the R&D Management Conference**, Vienna, Austria, June, p. 21–24, 2009.
13. ETGAR, M. A descriptive Model of the Consumer Co-Production Process. **Journal of the Academy of Marketing Science**, v. 36, n. 1, p. 97-108, 2008.

14. EVERLING, M.; GODGIG, A.; SOUZA, A. AZEVEDO, B.; MUNHOZ, C.; DESIGN & ‘VIR-A-SER’: Abordagens participativas em contextos urbano-sociais. **MIX Sustentável**, n.5(2), p. 123-134, 2019.
15. EVERLING, M. T.; SOUZA I. E.; MARTINS, M. C.; STAHN, M. O. D.; KORNER, E.; GANSKE, M. C. Dos Conceitos de Mediação, Aprendizagem e Colaboração às Práticas de Design Participativo Vinculadas ao Projeto Ethos. **Ergodesign & HCI**. Joinville. Santa Catarina. 2018.
16. FERRARINI, A. Política pública brasileira de formação de formadores de trabalhadores em economia solidária: fundamentos, avanços e desafios. **Otra Economía**, v. 5, n. 9, p. 185-194, 16 abr. 2012.
17. FITZSIMMONS, J.; FITZSIMMONS, M. **Administração de serviços: operações, estratégia e tecnologia de informação**, São Paulo: Bookman, 2003.
18. FLAMENT, C. **L’analyse de similitude: Une technique pour les recherches sur les representations sociales**. Cahiers de Psychologie Cognitive. n.1, p. 375-395, 1981.
19. FUSCO, F; MARSILIO, M; GUGLIELMETTI, C. Co-production in health policy and management: a comprehensive bibliometric review. **BMC Health Serv Res**, 2020.
20. GALAFASSI, D; DAW, T. M; THYRESSON, M; ROSENDO, S; CHAIGNEAU, T; BANDEIRA, S; MUNYI, L; GABRIELSSON, I; BROWN, K. Stories in social-ecological knowledge cocreation. **Ecology and Society**, p 23, 2018.
21. GALVAGNO, M.; DALLI, D. Theory of value co-creation: a systematic literature review. **Managing Service Quality**, p. 24, 2014.
22. GEBAUER; HEIKO; MIKAEL, J.; BO, E. **Service Innovations for Enhancing Public Transit Services. In Framing Innovation in Public Service Sectors. Edited by Lars Fuglsang, Rolf Rønning and Bo Enquist**. New York: Taylor & Francis, p. 41–62, 2014.
23. GRÖNROOS, C.; RAVALD, A. Service as Business Logic: Implications for Value Creation and Marketing. **Journal of Service Management**, v. 22, n. 1, p. 5-22, 2011.

24. HARTLEY, JEAN; EVA, S; JACOB, T. Collaborative Innovation: A Viable Alternative to Market Competition and Organizational Entrepreneurship. **Public Administration Review** n.73, p. 821–30, 2013.
25. HINNING, R.; MERINO, G. S. A. D.; GONTIJO, L. A.; MERINO, E. A. D. Oportunidade de contribuição do Design de Serviços para a melhoria da produtividade e inovação. **Strategic Design Research Journal**. 2015.
26. HOWLETT; MICHAEL; ANKA, K; ORA-ORN. P. Understanding Co-Production as a Policy Tool: Integrating New Public Governance and Comparative Policy Theory. **Journal of Comparative Policy Analysis: Research and Practice** n.19, p.487–501, 2017.
27. IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **As fundações privadas e associações sem fins lucrativos no Brasil**: 2002. 2. ed. Rio de Janeiro: IBGE, 2004. (Estudos e Pesquisas: Informação Econômica, n. 4). Disponível em: <<https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv5428.pdf>>.
28. IPEA – INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA. **Mapa das OSCs, 2020**. Disponível em: <<https://mapa-osc.ipea.gov.br>>. Acesso em: 5 maio 2020.
29. KOTLER, P.; KELLER, K. L. **Administração de marketing**. 12. ed. São Paulo: Pearson - Prentice Hall, 2006.
30. KRUCKEN, L.; MOL, I.; MOUCHREK, N. Cocriação no ensino de design: como desenvolver 'espaços projetuais' para inovação colaborativa? **Arcos Design**. 2016.
31. LAWSON, B.; SAMSON, D. Developing innovation capability in organizations: a dynamic capabilities approach. **International Journal of Innovation Management**, n.5, p.377- 400, 2001.
32. LÉO, M. R.; TELLO-GAMARRA, J. **Inovação em serviços: estado da arte e perspectivas futuras**. 2017.
33. LOPEZ, F. G. (Org.). **Perfil das organizações da sociedade civil no Brasil**. Brasília, Ipea, 2018.

34. LOVELOCK, C.; WRIGHT, L. **Serviços: marketing e gestão**, São Paulo: Saraiva, 2006.
35. MARCHAND, P.; RATINAUD, P. L'analyse de similitude appliquée aux corpus textuels: les primaires socialistes pour l'élection présidentielle française. **Actes des 11eme Journées internationales d'Analyse statistique des Données Textuelles**. Liège, Belgique, p. 687-699, JADT 2012.
36. MAUSER, W; KLEPPER, G. M.; RICE, B. S; SCHMALZBAUER, H; HACKMANN, R; LEEMANS; MOORE, H. Transdisciplinary global change research: the co-creation of knowledge for sustainability. **Current Opinion in Environmental Sustainability**, 2013.
37. MONTANA M.; MELO M.; SOUZA I., **Panorama atual das organizações da Sociedade Civil no Brasil**. REPATS, Brasília, V. 5, n. 1, p. 402-424, Jan-Jun, 2018.
38. MONTUORI, B; VIANA, M; SANTOS, M. Micro resistências e macro potências em espaços urbanos: perspectivas para o Design. **MIX Sustentável**, n. 5(5), p. 67-80, 2019.
39. MORAIS, F. C.; MOURA, A. A. Voluntariado, Associativismo e Turismo: Um Debate a partir das Organizações no Terreno. **Gestão e Desenvolvimento**, v. 17, n. 3, p. 133-164, 2020.
40. MORAIS, F. R.; SANTOS, J. B. Refinando os Conceitos de Cocriação e Coprodução: Resultados de uma Crítica da Literatura . **Revista Economia & Gestão**, v. 15, n. 40, p. 224-250, 2015.
41. NGUYEN, T., GRAHAM, I.D., MRKLAS, K.J., BOWEN, S., CARGO, M., ESTABROOKS, C.A., KOTHARI, A., LAVIS, J.N., MACAULAY, A.C., MACLEOD, M.L., PHIPPS, D.J., RAMSDEN, V.R., RENFREW, M.J., SALSBERG, J., & WALLERSTEIN, N. How does integrated knowledge translation (IKT) compare to other collaborative research approaches to generating and translating knowledge? Learning from experts in the field. **Health Research Policy and Systems**, 18. 2020.
42. OCDE; Gabinete Estatístico das Comunidades Europeias. **Manual de Oslo. Diretrizes para Coleta e Interpretação de Dados sobre Inovação**. FINEP (tradutor), 3ª edição, cap. 2 p. 35 – 38, cap.3 p. 46 – 48, cap 3 p.55-63, 2018.
43. OLIVEIRA, C. P.; MANOLESCU, F. M. K. 2010. A Importância do Terceiro Setor. Disponível em: [http://www.inicepg.univap.br/cd/INIC\\_2010/anais/arquivos/0020\\_](http://www.inicepg.univap.br/cd/INIC_2010/anais/arquivos/0020_)

0210\_01.pdf. Acesso em: 02 março 2013.

44. OSBORNE, S. P; RADNOR, Z; STROKOSCH, K. Co-Production and the Co-Creation of Value in Public Services: A suitable case for treatment? **Public Management Review**, n. 18(5), p. 639-653, 2016.
45. PALMER, V; WEAVELL, W; CALLANDER, R; PIPER, D; RICHARD, L; MAHER, L; ROBERT, G. B; The Participatory Zeitgeist: an explanatory theoretical model of change in an era of coproduction and codesign in healthcare improvement. **Medical Humanities**, 2018.
46. PAVITT, K. Innovation process. In J. Fagerberg, D. Mowery, & R. Nelson (Eds.), *The Oxford handbook of innovation*. Oxford University Press, Chap. 4, p. 88-114, 2005.
47. PEREIRA, L.M.; FRANTZESKAKI, N.; HEBINCK, A.; CHARLI-JOSEPH, L.; DRIMIE, S.; DYER, M.; EAKIN, H.C.; GALAFASSI, D.; KARPOUZOGLOU, T.; MARSHALL, F.; MOORE, M.; OLSSON, P.; SIQUEIROS-GARCÍA, J.M.; VAN ZWANENBERG, P.; VERVOORT, J. Transformative spaces in the making: key lessons from nine cases in the Global South. **Sustainability Science**, n.15, p.161-178. 2019
48. POHLMANN, A.; KAARTEMO, V. Research trajectories of Service-Dominant Logic: Emergent themes of a unifying paradigm in business and management. **Industrial Marketing Management**, p. 63, 2017.
49. PORTO, A.; SANTOS A. S.; ALMEIDA D. M.; GOMES C. M.; MADRUGA L. R. G. Explorando teoricamente as relações entre inovação e negócios com impacto social. **Sustentabilidade em Debate** – Brasília. 2016.
50. RAMIREZ, Rafael. Value Co-Production: Intellectual Origins and Implications for Practice And Research. **Strategic Management Journal**, v. 20, n. 1, p. 49-65, 1999.
51. REINERT, M. A., **une méthodologie d'analyse des données textuelles et une application: Aurélia de G. de Nerval**. Bulletin de méthodologie sociologique, n. 28, p. 24-54, 1990.
52. SCHUMPETER, Joseph. **O Fenômeno Fundamental do Desenvolvimento Econômico**. Rio de Janeiro: Nova Cultural, 1985

53. SCHUMPETER, Joseph. **Teoria do Desenvolvimento Econômico**. Abril Cultural. São Paulo, 1982.
54. SMITH, Adam. **The Wealth of Nations 1776**. Penguin Books 1979.
55. SMITH, David Horton. Four Sectors or Five? Retaining the Member-Benefit Sector. **Nonprofit and Voluntary Sector Quarterly**. v. 20 n. 2, p.137-150, Summer 1991.
56. SORENSEN, E.; JACOB, T. Co-initiation of Collaborative Innovation in Urban Spaces. **Urban Affairs Review**, n. 54, p. 388–418, 2018.
57. SOUZA, J. C.; FARIA, M. F. B. Processo de inovação no contexto organizacional: uma análise de facilitadores e dificultadores. **Brazilian Business Review**, v. 10, n. 3, p. 113-136, 2013.
58. THEIS, M. R.; EVERLING, M. T.; MORGENSTERN, E. C.; CAMARGO, M.; RODRIGUES, R. Sustentabilidade, Design Participativo e o Processo de Gestão da Capacitação Profissional do Grupo Aviva Somos - Consciência Coletiva. **Revista de Gestão & Sustentabilidade Ambiental - RG&AS**. 2020.
59. TIDD, J.; BESSANT, J. **Gestão da Inovação** (3a ed.). Porto Alegre: Bookman, 2008.
60. TIGRE, Paulo Bastos. **Gestão da inovação: a economia da tecnologia do Brasil** / Paulo Bastos Tigre. – Rio de Janeiro: Elsevier, 2006. – 7a reimpressão. il.
61. TORFING, J.; Collaborative innovation in the public sector: The argument. **Public Management Review**, n. 21, p. 1–11, 2019.
62. VAN, D.; CHARLOTTE; VIDAR, S.; TOM, L.; CECILE, R.; KOEN, V.; TRUI, S.; DAVID, A.; STEPHANE, M. Public Sector Innovation through Collaboration. Explaining Antecedents for Collaborative Innovation. **Paper Presented at the 21st International Research Society on Public Management Conference**, Budapest, Hungary, April, p.19–21, 2017.
63. VASCONCELLOS, L. H. R.; MARX, R. Como ocorrem as inovações em serviços? um estudo exploratório de empresas no Brasil. **Gest. Prod.**, v. 18, n. 3, p. 443-460, 2011.

64. ZACCHI, G.; MERINO, E.; MERINO, G. Cocriação E Gestão De Design Em Pequenas Empresas Rurais E Pesqueiras: Uma Abordagem Sustentável. **MIX Sustentável**, n. 3(1), p. 52-63, 2017.

65. ZEITHAML, V. A.; BITNER, M. J. **Marketing de serviços: a empresa com foco no cliente**. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2003.